



Por uma cartografia do (r)existir cotidiano: o viver e as práticas espaciais da comunidade LGBTQIA+ no município de Pelotas

Resumo: O presente trabalho discute a construção de uma cartografia social da resistência LGBTQIA+ no espaço urbano do município de Pelotas. A análise é fruto da aproximação de duas pesquisas acadêmicas, sendo a primeira um trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Geografia intitulado “As múltiplas territorialidades do medo e violência LGBTQIA+ na cidade de Pelotas: Corpos em processo de exclusão” e a segunda um projeto desenvolvido junto ao grupo de pesquisa “Margens: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas/RS” que investiga como os atores pertencentes a comunidade LGBTQIA+ fazem-cidade e exercem seu direito à cidade. Frente a esta apresentação, o objetivo do presente artigo é identificar e cartografar as violências vivenciadas e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas por quem é LGBTQIA+ na cidade de Pelotas, possibilitando neste sentido construir recursos didáticos voltados a conscientização desta situação. Em termos metodológicos, para elencar os pontos que seriam marcados em nossa cartografia recorreremos, além das pesquisas mencionadas anteriormente, a revisão bibliográfica de trabalhos que abordam questões relacionadas a pessoas LGBTQIA+ no contexto de Pelotas e que tratassem de lugares ou acontecimentos que envolvessem formas de resistência na cidade. O caminho que seguimos para construção da cartografia teve grande influência dos entendimentos, expostos no artigo “Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade”, do geógrafo Seemann (2003). Além disso, para a realização do artigo foram utilizados vídeos, colagens digitais, colagens digitais em vídeos, narrativas, imagens, como formas de representar um cenário urbano que está em constante movimento, construído e reconstruído pela incessante relação entre periferias e centro (AGIER, 2015). Como base conceitual, partimos de um entendimento de resistência formulado por Michel Foucault (1988). Como resultados, podemos visualizar que a cartografia possibilitou identificar locais considerados seguros ou representativos (MAGNANI, 1993) que puderam inclusive se apresentar como formas táticas (CERTEAU, 2008) para fazer-cidade e exercer o direito à cidade (AGIER, 2015) - de pessoas LGBTQIA+. Estes elementos foram explorados por nós como forma de apresentar com diferentes linguagens e possibilidades, por meio da elaboração dos recursos didáticos, uma cidade de Pelotas que é feita de resistência, ainda que em suas dinâmicas existem inúmeras situações de violência. Assim, utilizamos da cartografia como forma de contar, como coloca Jörn Seemann (2003), que a cidade é feita por pessoas LGBTQIA+ através da articulação criativa de ações de lutas e táticas cotidianas para contornar estas violências.

Pedro de Moura Alves^{1A}, Gabriela Pecantet Siqueira, Tiaraju Salini Duarte

1 - Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas

A - contato principal : mooura@live.com

Introdução

O presente trabalho trata da construção de uma cartografia, fruto da aproximação de duas pesquisas acadêmicas com a disciplina do curso de antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) intitulada: “Margens: Trajetos, Percursos e Mapas”, ofertada no primeiro semestre acadêmico de 2021. Uma das pesquisas consiste no trabalho de conclusão de curso na área da Geografia intitulado “As múltiplas territorialidades do medo e violência LGBTQIA+ na cidade de Pelotas: corpos em processo de exclusão”, possuindo como autores Alves e Duarte (2021). A outra pesquisa está em desenvolvimento no âmbito do projeto de pesquisa Margens: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas/RS, e investiga como pessoas LGBTQIA+ fazem-cidade e exercem seu direito à cidade com a autoria de Siqueira (2020)

Nestes estudos o objetivo é identificar estratégias de enfrentamento desenvolvidas por quem é LGBTQIA+ na cidade de Pelotas, possuindo como finalidade cartografar formas de resistência deste grupo no referido município. Para isso, consideramos o conceito de resistência formulado por Michel Foucault, que o entende como “uma atividade da força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de forças do campo do poder”



(JÚNIOR, p. 2, 2014). Em outras palavras, a resistência atua como uma força antagônica que se contrapõe aos dispositivos de poder (FOUCAULT, 1988) tecendo novas possibilidades de fazer-cidade (AGIER, 2015).

A partir deste entendimento procuramos construir uma cartografia incluindo territorialidades LGBTQIA+, locais considerados seguros ou representativos, trajetos realizados pela cidade (MAGNANI, 1993) - que podem inclusive se apresentarem enquanto formas táticas (CERTEAU, 2008) para fazer-cidade e exercer o direito à cidade (AGIER, 2015) - de pessoas LGBTQIA+. Utilizamos colagens digitais, colagens digitais em vídeos, narrativas, como forma de representar um cenário urbano que está em constante movimento, construído e reconstruído pela incessante relação entre periferias e centro (AGIER, 2015).

Estes elementos são explorados por nós como forma de apresentar com diferentes linguagens e possibilidades uma cidade que é feita de resistências LGBTQIA+, ainda que tenha presente, em suas dinâmicas, inúmeras situações de violências. Assim, utilizamos da cartografia como forma de contar, como coloca Jörn Seemann (2003), que a produção do espaço urbano é construída também por pessoas LGBTQIA+ por meio da articulação criativa de ações de lutas e táticas cotidianas para contornar estas violências.

Metodologia

Primeiramente, para elencar os pontos que seriam marcados em nossa cartografia recorreremos, além das nossas próprias pesquisas, à revisão bibliográfica de trabalhos que abordam questões relacionadas a pessoas LGBTQIA+ no contexto de Pelotas e que tratassem de lugares ou acontecimentos que envolvessem formas de resistência na cidade.

O caminho metodológico que seguimos para construção da cartografia teve grande influência dos entendimentos, expostos no artigo “Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade”, do geógrafo Seemann (2003). No trabalho o autor trata das diferentes realidades possíveis de serem cartografadas, escapando dos modelos mais dogmáticos com os quais os mapas tradicionais apresentam certos locais.

Como forma de expressar as articulações/práticas espaciais, utilizou-se da técnica de colagem, sendo esta própria das artes visuais e consistindo na utilização de recortes, fragmentos ou pedaços de figuras, papéis, entre outros materiais, para composição de uma imagem, e pode ser feita tanto de forma digital como manual (IWASSO, 2010). Desenvolvemos colagens digitais em imagens e em vídeos, com sons; este último é considerado como um “fenômeno de experiência”, resultado da nossa imersão no mundo, visto que “o som não é o objeto, mas o meio de nossa percepção” (INGOLD, 2015, p. 208). Também exploramos as possibilidades do ciberespaço inserindo links de vídeos e outros endereços eletrônicos que somassem na reflexão da temática.

A cartografia apresentada foi construída na plataforma *Wix*, que possibilitou a criação e edição de sites. Para localizar pontos de resistência LGBTQIA+ foi utilizado o site *My Maps* (figura 1) que é um serviço da plataforma Google que permite criar e personalizar mapas de forma livre. Ao clicar nos pontos delimitados os usuários que acessarem a cartografia poderão passear pelos locais delimitados através da tecnologia do Google Street View que é um recurso do Google Maps que disponibiliza vistas panorâmicas de 360° na horizontal e 290° na vertical; e permite que os usuários vejam a região em que clicou.

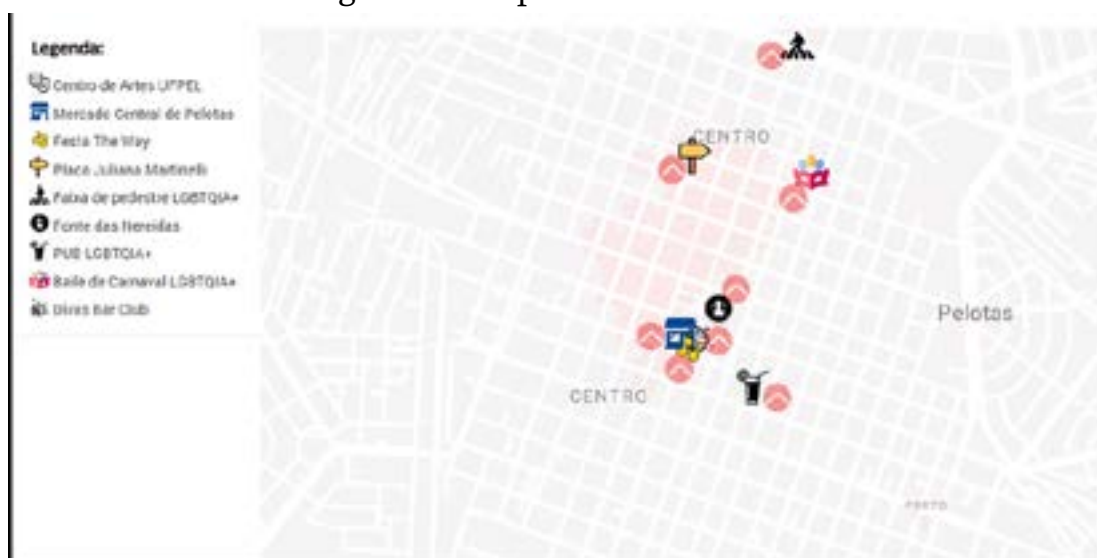
Figura 1 - Pontos delimitados no Google Maps



Fonte: Autores

O site possui também uma cartografia criada através do Google Maps em que ao clicar nos pontos demarcados é possível interagir (figura 2) e ser direcionado para as colagens. As composições artísticas buscam representar os locais de resistência LGBTQIA+ pelotense e/ou representantes desse cenário.

Figura 2 - Mapa Interativo



Fonte: Autores

No que tange às narrativas que aparecem na cartografia, utilizamos um instrumento específico para esta comunidade, sendo este um questionário estruturado misto que combinava perguntas fechadas e abertas realizado através de um formulário na plataforma Google Forms. Uma das perguntas realizadas no questionário abordava os locais em que a comunidade LGBTQIA+ sentia segurança em Pelotas. A escolha desse instrumento de coleta de dados ocorreu devido ao momento pandêmico de Covid-19 em 2020 e 2021 que impossibilitou a realização de entrevistas nesse período.



Cabe mencionar ainda, que não seguimos uma linearidade temporal, pois também mesclamos momentos e experiências narradas em diferentes épocas.

Resultados e Discussão

Tendo em vista o atual contexto de pandemia da COVID-19 que vivemos desde 2020, nosso trabalho se desenvolveu utilizando vários recursos do ambiente virtual. Com a criação de colagens digitais e colagens digitais em vídeo - como forma de trazer os sons que fazem parte dos ambientes vividos pela população LGBTQIA+ -, por exemplo, construímos uma cartografia digital (que pode ser acessada pelo endereço <https://meudireitoacidade.wixsite.com/my-site>).

Na cartografia apresentamos algumas territorialidades, narrativas e fatos que foram evocados pela fala de alguns participantes na pesquisa de Alves e Duarte (2021) e Siqueira (2020), mas também apontados por outras pesquisas ou reportagens. As territorialidades nesta pesquisa são compreendidas a partir da perspectiva de Souza (2000), o qual afirma que por expressar a constituição de grupo, de configuração de espaços materiais e imateriais mediados pelas relações de poder, o território é:

[...] um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de suas complexidades internas, define ao mesmo tempo um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders¹⁹). (SOUZA, 2000, p.86)

Para o propósito deste texto, procuramos definir territorialidade de resistência como princípio organizativo de um grupo que busca constituir estratégias de permanência de seus respectivos valores culturais, estabelecendo uma lógica de oposição aos ideais LGBTQIA+fóbico por uma direção política que se caracteriza como identidade de projeção que almeja expandir a sua territorialidade.

A territorialidade de resistência, para constituir-se, necessita do espaço vivido, o território ocupado como abrigo e segurança que corresponde não só à construção de pertencimento identitário, mas também devido às estratégias de ação para constituir domínio.

A territorialidade de resistência constitui primeiramente como um local abrigo e segurança, em que se desenvolve o sentimento de pertencimento e construção identitária. Num segundo momento passa a estabelecer estratégias de luta por espaços políticos e direitos sociais. Portanto, parte de uma territorialidade de ocupação de espaço vivido para uma tentativa de fortalecimento de sua territorialidade através de estratégias políticas para conquista de espaços e direitos.

Um dos pontos destacados como territorialidade é o Centro Histórico de Pelotas (figura 3), na praça Coronel Pedro Osório, onde encontra-se um importante marco histórico da cidade, a denominada “Fonte das Nereidas”. Planejada no passado para o lazer das elites, hoje “passa por constantes ressignificações que se relacionam com os significados que a pluralidade de grupos sociais atribuíram e atribuem a ela, a fim de sustentar suas identidades” (COSTA, p. 51, 2020). As Nereidas à noite são para as travestis e trabalhadoras sexuais um local de batismo do “nome de guerra”, configurando-se como um importante espaço ritualístico e de trabalho (COSTA, 2020), e de formas de fazer-cidade e exercer direito à cidade de Pelotas (AGIER, 2015).

Figura 3 - Colagem Fonte das Nereidas



Fonte: Autores

Outro espaço que se faz importante no fazer-cidade é a Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Como relata um interlocutor, no trabalho desenvolvido por Alves e Duarte (2021), apesar de sentir medo em todo e qualquer lugar, que não seja destinado ao público LGBTQIA+, ou em lugares que não expressem um compromisso com a questão da segurança destas pessoas, se sente *“muito seguro no Centro de Artes (UFPeL) por ser um espaço compartilhado por muitos LGBTQIA+ e que visa uma inclusão branda, porém não sinto a mesma coisa em relação a outros campus da universidade”*.

Outros espaços mencionados foram a Festa LGBTQIA+ The Way (figura 4) em que um interlocutor na pesquisa de Alves e Duarte (2021) aborda que *“sinto segurança em locais LGBT, sou drag e me apresento em casa de festas como a The Way”*; e o espaço Casa Cultural Las Vulvas, sobre o qual afirma uma interlocutora: *“sinto falta do espaço cultural Las Vulvas eu me sentia segura era um espaço de respeito, coletividade, lgbt, feminista, era um local que eu podia expressar como sou (Mulher Cis, Lésbica 21-25 anos)”*.

Figura 4 - Colagem The Way



Fonte: Autores

É relatado também que “a parada lgbt é um dos momentos que sinto mais segurança por estar rodeada de amigos e de pessoas como eu, é um espaço de luta (Mulher trans, pansexual 20-25 anos)”, foi mencionado ademais sobre um baile de carnaval que era realizado anualmente em Pelotas em que uma interlocutora aborda: “eu me sentia segura no gala gay Pelotas eu me montava e me sentia uma rainha e dava close tinha uma energia ótima e todos gostavam (Travesti, hétero, 36-40 anos)”.

Com as narrativas ficou evidenciado que a partir das práticas cotidianas, coletivos feministas, ambientes com público LGBTQIA+, a parada LGBTQIA, etc; constata-se que essas populações produzem espaços de sociabilidade e redes de afetividades que oferecem resistência no espaço urbano, sendo muitas vezes responsáveis por potências inventivas de vida. Observa-se como justificativas que esses espaços proporcionam um local de encontro, no qual suas identidades e sexualidades são respeitadas.

Enquanto locais e momentos representativos, inserimos a Esquina Travesti Juliana Martinelli (figura 5) e jornais importantes que funcionaram durante a ditadura na cidade de Pelotas. A esquina das ruas Doutor Cassiano e Barão de Santa Tecla, no Centro do município de Pelotas, recebeu a denominação Esquina Travesti Juliana Martinelli a partir do decreto municipal 6.127, uma placa que foi inaugurada no dia 29 de janeiro de 2019 (MEIRELLES, 2019). A placa simboliza uma história de luta na trajetória de vida da ativista Juliana Martinelli, educadora social, que atuou ativamente no movimento LGBTQIA+.

Figura 5 - Esquina Travesti Juliana Martinelli



fonte: Autores

Já os jornais Triz, Lanzetta e Centeno foram retratados por terem papéis importantes meios de comunicação pelotenses, trazendo informações e temáticas relacionadas a homossexualidade durante um período repressor e violador de direitos humanos, a ditadura militar (FILHO, 2016). A publicação e circulação de tais jornais neste período, e em uma cidade extremamente conservadora, exigia meios criativos para produzir conteúdos e contornar possíveis “repressões”.

Além disso, com a ideia de compreender o movimento espacial, registramos trajetos dos atores pertencentes a comunidade LGBTQIA+ . Conforme Magnani, os trajetos são fluxos que ligam pontos, adquirindo curtas ou longas extensões, que representam escolhas que não são feitas de forma aleatórias e nem se limitam em suas possibilidades (p. 198, 1993).



Assim, são construídas muitas vezes enquanto formas táticas (CERTEAU, 2008), como nos revela a interlocutora travesti hétero de 21-25 anos que aborda: “*sinto segura com as minhas manas e travas na rua, considero minha família*”; outro respondente também destaca esta perspectiva: “*não ando sozinho estou sempre junto de amigos, eles são como eu então fico a vontade na presença deles*” (Não binária, Pansexual, 26-30 idade).

Constrói-se então múltiplas táticas, como o andar em duplas ou em grupos, que modificam as formas que eles/elas coproduzem seus movimentos no interior da morfologia urbana. Os territórios de resistência surgem como áreas em constante transformação que possibilitam a reafirmação dessas identidades, diminuindo o sentimento de isolamento e proporcionando identificações mútuas. Logo, estes territórios transbordam a mera convivência, se estabelecendo como áreas de fuga, refúgio, proteção e solidariedade que resistem ao medo e a violência contra a comunidade LGBTQIA+. Conforme Maddivah:

Antigamente a gente andava mais livre na rua montada, hoje em dia eu não tenho coragem não. Antigamente a gente andava montada, caminhava se tivesse que se montar no centro e caminhar tipo até no Porto pra ir numa festa, ou contrário, assim como a gente tá aqui no porto e caminhar até o centro. Eu não tenho coragem, só se for assim, trocentas pessoas junto” (MADDIVAH *apud* SOUZA; EUZÉBIO; ALFONSO, p. 12, 2021).

As táticas surgem como capacidade inventiva e como algo que infiltra e adentra as brechas dos “preceitos” sociais, buscando por caminhos para resistir frente às relações de poder que se inserem no cotidiano de diferentes sujeitos. Neste sentido, mesmo em um dia a dia repleto de normatividades e enquadramentos, o cotidiano desses grupos é construído e compartilhado inúmeras formas táticas para resistir à “ordem dominante”.

Neste sentido, a cartografia trabalhada nesta pesquisa tem como viés uma proximidade com a cartografia social em que esta busca auxiliar a reforçar as relações existentes em comunidades específicas como a LGBTQIA+, possibilitando (re)ler as próprias paisagens do espaço urbano. Logo, a partir de Passini (2012) pensamos que na relação ensino-aprendizagem, as aulas de Geografia podem propiciar, por meio de outros olhares possíveis, a produção de mapeamentos que evidenciam práticas sociais de resistência.

Os docentes, ao trabalhar a cartografia por meio da vivência de seus alunos, podem construir noções de orientação espacial (saber orientar-se em relação aos objetos), localizar pontos no mapa através da coordenada, proporção através das escalas, mas sempre levando em consideração que a quantificação é simplesmente ocasional, já que o que é significativo na construção dos mapas sociais são as narrativas e os elementos formadores das territorialidades.

Assim, os mapas devem ser construídos com a participação e uso das narrativas de grupos variados, como por exemplo a comunidade LGBTQIA+, servindo como instrumentos de compreensão dos tensionamentos e defesa de seus direitos. A produção cartográfica que extrapole a lógica dominante no ambiente escolar pode levar a compreensão dos educandos de outras formas de ver/produzir o espaço, evidenciando novas representações das paisagens.

Cartografar as resistências LGBTQIA+ no espaço escolar se faz necessário para promover corpos atentos, sensíveis e abertos à intensidade dos encontros. É imprescindível pensarmos no currículo escolar a partir de uma “pedagogia da diferença”, isto é, pensar em uma proposta pedagógica que acolha as diferenças existentes e problematize o motivo desses grupos não conseguirem adentrar certos espaços sem sofrerem algum tipo de violência.

Conclusões

A construção das cartografias diversas permite romper barreiras, por vezes colocadas nos mapas formais, que circunscrevem lugares de formas fixas e estabelecem certa linearidade do tempo. Ao mesclar temporalidades, inserir sons, imagens, colagens, buscamos atribuir a cartografia a ideia de movimento que constituem as cidades, as quais dão formas, se entrelaçam e se reconstróem constantemente, sobretudo, quando se trata da utilização da criatividade na criação de táticas para o fazer-cidade de pessoas LGBTQIA+.

O exercício da resistência construídas pelas pessoas LGBTQIA+, no interior das relações de poder, ressignificam as ações na cidade, lugares e trajetos, e, por isso, as formas de resistência também mudam constantemente. E assim como os dispositivos de poder se atualizam, as maneiras de resistir também se transformam.

Por meio da cartografia conseguimos analisar que são edificados locais de resistência LGBTQIA+ em que se evidencia formas de (re)existir as normatividades que violentam seus corpos cotidianamente. Esses locais surgem como áreas em constante transformação que possibilitam a reafirmação dessas identidades, diminuindo o sentimento de isolamento e proporcionando identificações mútuas.

Os territórios de resistência surgem como áreas em constante transformação que possibilitam a reafirmação dessas identidades, diminuindo o sentimento de isolamento e proporcionando identificações mútuas. Logo, estes territórios transbordam a mera convivência, se estabelecendo como áreas de fuga, refúgio, proteção e solidariedade que resistem ao medo e a violência contra a comunidade LGBTQIA+.

As territorialidades de resistência são as configurações de grupos sociais que a partir da construção de uma identidade cultural lutam pela sua preservação em detrimento das tentativas de subordinação, ocultação ou assimilação pela cultura majoritária, sendo definida como a cultura predominante vinculada pelas instituições sociais como tentativa de legitimar uma identidade coletiva e homogênea.

A partir das narrativas e construção da cartografia de resistência LGBTQIA+ na cidade de Pelotas/RS evidencia-se que “jamais somos aprisionados pelo poder; podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 2004, p. 229)”. Para Foucault nunca somos aprisionados pelo poder já que, as resistências estão presentes em toda rede de poder, sendo assim essas comunidades através de inúmeras táticas e relações buscam contrapor a opressão cotidiana e reivindicar espaços na cidade.

A cartografia social na sua desenvoltura, favorece mostrar as tonalidades do espaço de vivência, as identidades e as experiências dos sujeitos, e corrobora com a formação cidadã. A cartografia social é um recurso pedagógico que, no ensino de Geografia, exorta novas inteligibilidades sobre os fenômenos sociais na vivência do espaço geográfico sugerindo a denúncia e uma postura do pesquisador que visa a construir um diálogo entre os lugares de legitimidade da fala e os destituídos da fala, ou seja, compreender as tensões existentes entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento comunitário. (FREIRE, 1987)

Referências:

ALVES, Pedro de Moura. DUARTE, Tiaraju Salini. **As múltiplas territorialidades do medo e violência lgbtqia+ na cidade de Pelotas/rs: corpos em processo de exclusão.** 2021. TCC(Graduação) - Licenciatura em Geografia, Departamento de Ciências Humanas - ICH, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*. V. 21, n. 3. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 2008.
- COSTA, Vanessa Avila. *As manifestações das paisagens ocultadas: arqueologia da Pelotas de trabalhadoras sexuais*. 162f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.
- FILHO, Rubens Amador. O jornal que ousou investigar a fama de Pelotas. In.: CAZARRÉ, Lourenço (org.). *50 tons de rosa*. 2016.
- FOUCAULT, Michel. *El Pensamiento Del Afuera*. Valencia: Pré-textos, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 20.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- INGOLD, Tim. Human cognition is intrinsically social, developmental and historical. *Social Anthropology*. V. 1, n.23. 2015. <https://doi.org/10.1111/1469-8676.12112>
- IWASSO, Vitor Rezkallah. Copy/paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea. *ARS (São Paulo)*. São Paulo. Vol.8, n.15, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-53202010000100004>
- PASSINI, E. Y. *Alfabetização cartográfica e a aprendizagem da Geografia*. São Paulo: Cortez, 2012. 216 pg
- SEEMANN, J. (2003). Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. *Geografares*, (4). <https://doi.org/10.7147/GEO4.1080>
- SOUZA, Marcelo J.L. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; CORRÊA, R.L.; GOMES, P.C.C. *Geografia: conceitos e temas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000